

Meditação do capitalista

Paulo da Silva deve ser restituído à liberdade

r restituído à liberdade

—Ensaíemos a última maneira de escravizar o povo. Depois—a revolução inevitável.

PELOS HOSPITAIS CIVIS

Palavras finais de uma campanha em que se demonstra a flagrante injustiça de que são vítimas as pobres criadas dos hospitais

Nã fugiu, foi passear..

A MORAL DELES

Da mentira das sindicâncias

infeliz os sargentos do activo quando não



TEMAS DE A

TEMAS DE ACTUALIDADE

As ditaduras, pesadas conseqüências da horrível guerra, não são imortais

atmosfera de desconfiança e de terror, des-
presando e odiando instintivamente a dita-
dura, mas resignando-se, e, pouco a pouco,
acomodando-se; o seu espírito de rebeldia
deprime-se ou morre lentamente; insensi-
velmente, regressa às idades da pior ser-
vidão; sente o peso das suas cadeias—e

Nesse sentido fomos informados do seguinte:

CTUALIDADE

As conseqüências

, não são imortais

sua relativa liberdade de antanho perdida as cadeias mais pesadas lhe parecerão—mas sente-se invadido de cansaço gradualmente acrescido, um desânimo tão profundo que perde a vontade e a força de romper com as algemas.

Que tristeza! Que dor!...

O pior é que, enquanto as multidões se abandonam de tal forma, quasi sem se aperceberem, e aceitam resignadamente o seu destino, do que a ditadura sabe tirar proveito, e, de um modo geral, todos os partidos da autoridade: simplórios aqui e bufões acolá burlões em cima e ineptos em

A escuta-los, conclui-se ser preciso agradecer aos ditadores e **ver nêles os salvadores** merecendo a maior **confiança e paga-**

do-se-lhes, como de justiça, o tributo de reconhecimento e de admiração de que seriam dignos.

Alto, lá!

Pelo mundo fora, há centenas de milha-

res de homens, aos quais a arbitrariedade do despotismo e a repressão, expulsaram do seu país natal. Foram obrigados a escolher entre a submissão e o exílio, preferindo altivamente, corajosamente, o exílio. Abandonaram a terra em que nasceram e sediaram, onde trabalhavam e tinham o seu lar, os seus parentes e os seus amigos.

Subtraíram-se voluntariamente às perseguições, à prisão e ao assassinato, e refugiaram-se — o mundo é vasto — em terras estrangeiras. Mas não se despediram, por sempre do país que os viu meninos, adolescentes e adultos: ao seu país regressarão logo que a ele regressarem os hábitos

E' certo que não aguardam com paciência e tranqüilidade que o ar se torne respirável no seu país. De longe, trabalham para dissipar os miasmas que o envenenam.

Aos seus irmãos de desgraça e expressão, aos seus companheiros de trabalho junto dos quais acharão a fraternal hospitalidade merecida por sua malfadada situação, denunciem os erros, os crimes e as faltas do regime detestado.

Tudo o ensino aproveitam para fiavelar valorosamente as iniquidades, os escândalos, atrocidades e crimes inexplicáveis da ditadura.

A sua voz cada vez mais se eleva, um protesto mais forte e potente, comunicando aos que consigo privam a cólera e a indignação que os tomam. Erguem contra os ditadores e seus crimes a consciência dos trabalhadores do mundo inteiro.

A evolução do homem e a aparição do mal que o tornou inimigo de si mesmo

O ser humano, na sua origem, egoísta, preguiçoso, ignorante e impellido pela fome, atacava os animais para lhes fazer a sua alimentação. Se encontrava outro homem, um concorrente à sua caça... era um inimigo! Se se sentia mais forte que ele, atacava-o e matava-o para se apoderar das armas, dos bens e muitas vezes para o devorar!

Mais tarde, desenvolvendo-se-lhe a inteligência, o instinto vegetativo prevaleceu e graças ao desenvolvimento desse seu instinto, tornou-se mais social; compreendeu que lhe era mais vantajoso aproveitar o vencedor vivo, e, em lugar de o matar, fez dele seu escravo ou seu companheiro.

Outras vezes, quando via que o adversário era de forças iguais, não o atacava de frente a frente, mas astuciosamente o rodeava, como dois animais da mesma espécie quando se encontram.

Outras vezes alia-se instintivamente com ele e juntos continuavam a caçada, até que novas alianças, feitas ou forçadas, viessem engrossar o nó primitivo da tribo. Neste momento, escolhiam o mais forte e o mais hábil dentre eles para ser o chefe e velar pela salvação da tribo.

Assim começou a soberania e a realidade entre os povos guerreiros, nomadas ou agrícolas.

O país em que a tribo se estabelecia, produto do roubo dos guerreiros e do trabalho dos escravos, engrandecidos pelos mesmos processos ou algumas vezes por uma economia e sabia administração, constituía o património colectivo, origem da pátria.

Com o tempo pulularam os escravos; a vida e os sofrimentos em comum estabeleceram uma íntima comunhão entre eles, e os mais enérgicos combinaram movimentos de revolta para se libertarem, mas desobedeceram aos seus senhores, e os seus movimentos foram cruelmente reprimidos pelos senhores.

Então, para apoiar o poder do guerreiro, do senhor, apareceu na primitiva sociedade o gendarme moral: o Sacerdote.

Escravos e senhores (movidos, eles também, por este instinto egoísta do bem-estar), tendo sabido insinuar-se na confiança do senhor, talvez traíndo os seus "camaradas da classe", esses escravos de então captaram-lhe o espírito e, finalmente, com ares cautelosos (véde os padres de hoje) e mediante um pequeno dízimo exploraram os seus antigos camaradas e ofereceram-se aos senhores, para lhes captar o espírito confiante, franco e sincero, e para os manter numa obediência passiva.

Foi nesse momento que nasceu o Deus revelado, nulidade que, até então, resumia em si toda a autoridade na sociedade e resolvia todas as causas inexplicáveis do Universo.

Aperfeiçoou-se o sistema, delegando poderes sobrenaturais a todos os sacerdotes seus ministros, fosse qual fosse a religião a que pertencessem, para ensinar aos pobres povos a resignação ou cobardia moral, sob pena de castigos, muitas vezes imediatos e sempre eternos depois da vida, para o triunfo do capital e maior proveito dos seus interessados defensores.

A pouco e pouco, pela sua inteligência sem escrúpulos, por alguns conhecimentos especiais, e principalmente, por esta força enorme — a unidade de direcção, que sempre tem sido a sua lei, o "sacerdote" impoz-se aos povos pela caridade e aos senhores, educando-os e liasondo-lhes as paixões. Assim, substituiu pela autoridade sacerdotal, a do rei ou do senhor, tornando-se o senhor absoluto de todos.

Foi este o período sombrio da Idade Média, que durou até à invenção da pólvora em 1390, à da Imprensa em 1440 e à Reforma de Lutero.

Desde esta época, os dois poderes, civil e religioso, em luta constante, têm tido alternativamente a dominação material e moral do mundo.

É preciso entretanto reconhecer, que graças ao vigilante egoísmo do poder civil, trabalhando instintivamente para a sua conservação ou desenvolvimento auxiliado pela ciência, a vantagem tem-se pouco a pouco inclinado a favor dele. Mas, durante muito tempo, o poder civil não se poderá libertar da influência das religiões, porque precisa dos dois sustentáculos: o padre e o soldado; o primeiro é o depositário da autoridade divina e o segundo da autoridade civil, que saiu da primeira.

Conjuntamente, constituem o poder opressivo. (Da mesma forma que os poderes feudais, religiosos e burgueses, utilizando-se de todos os recursos científicos e económicos do seu tempo, se têm vencido reciprocamente e fundado na ordem capitalista, da mesma forma a massa proletária libertar-se-á pela instrução e educação científica que lhe ensina o que é e o que poderá ser, quando consciente da sua força se tiver vindo resolutamente no campo dos seus interesses de classe).

C. NOVEL

ASSINEM Os mistérios do Povo

As boas relações...

ROMA, 14.—O diário oficial publicou hoje os decretos relativos à execução do tratado italo-soviético, de comércio, navegação e alfândegas, e ao empréstimo de 4 milhões a Polónia. (L.)

proscritos dizem à classe operária a conduta que devem seguir, e aos anarquistas de toda a parte do mundo o dever imperioso que têm de cumprir.

Esse dever é duplo: primeiramente, prevenir os proletários e os seus camaradas contra a ofensiva do fascismo e da ditadura nos seus respectivos países; em seguida, unir os seus esforços aos esforços dos seus irmãos do exterior, na batalha que estes preparam contra a ditadura que os ameaça.

É necessário que uma estreita solidariedade se promova contra a ditadura, qualquer que ela seja, entre os párias e os oprimidos do mundo inteiro. É necessário que, em face da coligação internacional de todas as potências do despotismo político ou de exploração económica, se erga, se organize e actue a Internacional dos que não querem ditaduras e dos que não querem sofrer mais, tanto a de um partido como a de uma classe.

Firmeza, valor, enfim! Chegará o dia e depende de todos nós que ele se aproxime, em que a liberdade, ora martirizada e vilipendiada, executará a sua vingança.

Sebastião FAURÉ

O protesto contra a lei de imprensa

Recebemos da arcada a seguinte nota oficiosa:

«Uma comissão composta dos srs. Fernando de Sousa, Alberto Bessa e José Sarmiento, representando os directores dos jornais de Lisboa, *A Batalha*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *A Época*, *O Jornal do Comércio*, *O Mundo* e *O Século*, entregou ao senhor ministro da Justiça uma exposição das reclamações formuladas a propósito de algumas disposições da nova lei de imprensa. O ministro da Justiça vai estudar atentamente as reclamações referidas, no melhor desejo de atender em tudo o que for possível, isto é, em tudo o que não afectar fundamentalmente o critério em que a nova lei de imprensa se inspirou e que é o de conceder à imprensa, instituição merecedora de todo o respeito e até de toda a protecção, a mais ampla liberdade, mas reprimindo também, eficazmente, todos os abusos, o que não pode deixar de merecer o aplauso de toda a imprensa honesta. O ministro da Justiça espera concluir o seu estudo em curto prazo.»

Se a censura à imprensa não existisse, não deixaríamos de fazer a devida justiça ao ministro da Justiça. Mas, dada a espécie de coragem moral, agora muito em voga, o ministro da Justiça decreta à imprensa uma lei monstruosa, contando de antemão com o amadurecimento da sua vítima. Mas, um dia virá em que diremos o que a censura hoje não consente.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5316, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 26 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avaliado de 451.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abalimento de 50 por cento em relação ao preço de venda.

Deposito à administração de *A BATALHA*

A 'boicotage' de Hong-Kong

LONDRES, 14.—Chamberlain declarou hoje na Câmara dos Comuns que a abertura das negociações para a terminação do boicote das mercadorias em Hong-Kong, foi por ele fixado para 16 do corrente.

O ministro da guerra rifenho foi aprisionado

MADRID, 14.—Hemer Badra, antigo ministro da guerra de Abd-el-Krim, foi aprisionado pelas tropas espanholas durante os últimos combates no Rif.

Os Estados Unidos transige com os países em dívida?

PARIS, 14.—O correspondente do *Matin* em New York comunicou ao seu jornal que nos centros financeiros daquela cidade corre com insistência que o governo norte-americano pensa na consolidação das dívidas de todos os países europeus aos Estados Unidos.

A notícia é bem aceite, pois considerase essa a única forma de garantir para a América do Norte a facilidade de pagamento para os devedores e contribuir para uma mais fácil restauração financeira mundial largamente perturbada pelos acontecimentos do "post-guerra".

História Universal del Proletariado

«Vinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social, que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1600 pelo correio, registado, 1650.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.ª — La era de la esclavitud;
- 2.ª — La rebelión de Espartaco;
- 3.ª — Abolición de la esclavitud;
- 4.ª — Abyección y Servidumbre;
- 5.ª — La revolución de los siervos;
- 6.ª — La miseria de los agricultores;
- 7.ª — Transformación del Poder Feudal;
- 8.ª — El comunismo cristiano;
- 9.ª — Los miserables en la Edad Media;
- 10.ª — La libertad flusoria;
- 11.ª — La agonía del absolutismo;
- 12.ª — El trabajo motor universal;
- 13.ª — El imperio de la guilhotina;
- 14.ª — Las ideas sociales y la revolución francesa.

Uma nova erupção do Vesúvio

NAPOLIS, 14.—A erupção do Vesúvio provocou abalos cismicos. As águas inundaram parte da cidade, sendo os prejuízos bastante elevados.

Em nome da liberdade...

LONDRES, 14.—As autoridades proibiram a exibição do "film" bolchevista "Potemkin" não sendo mais permitida que a imprensa a ele assista.

TEATRO NACIONAL

Sexta-feira, 16

ESTREIA DA COMPANHIA

Ida Stichini-Alexandre

Azevedo

com a interessante peça em 3 actos,

original de Lucien Népote, tradução

de A. de Almeida e A. Dias da Costa

Os Filhos

Encantador entrecho

Espirituosos diálogos

Situações esplêndidas

Protagonista:

Ida Stichini

CARTA DO PORTO

Devido ao procedimento ignóbil dum monopólio a água está faltando

PORTO, 14.—Levanta-se outra vez um novo berreiro pela sempre eterna questão das águas. Este líquido precioso principia a faltar para a limpeza, para a cozinha, para a manipulação de pão em algumas padarias, para o pagamento de incêndios como o ultimamente ocorrido na Foz e alé... para as retretes, que por vezes ninguém se pôde servir delas... por falta de água para a devida lavagem dos detritos...

Quem quiser que se arranje... Parece que foi um propósito, um acinte, quicá uma provocação, para a comissão administrativa militar que está à frente da Câmara Municipal.

As outras vereações, a pesar dos constantes protestos que a população tem levantado em todos os tempos, elas nunca quiseram saber do desprêzo absoluto que a *Compagnie générale des eaux pour l'étranger* sempre mimoseou a cidade. Pelo contrário: essas vereações foram sempre dum complacência criminosamente venal.

Ao tomar posse a *invasora* comissão administrativa militar do município, nós aludimos, entre outros abusos, ao que de longa vem praticando o nosso Carlos Pereira. E dissemos também que, devido às afirmações enérgicas, ousadas mesmo, da nova edilidade militarista, o público esperava e espera que ela também fale, corte, meta, na tal ordem preconizada pelo movimento revolucionário da *salvação nacional*, a citada companhia francesa que, desde o tempo da monarquia, tem persistido no seu tripudiamto estúpido.

Pois bem: novamente, por culpa do desleixo das Câmaras transactas e mercê do egoísmo, da rapacidade da *Compagnie générale des eaux pour l'étranger*, estamos a lutar com uma seca: para matar os incêndios, nem para matar a profilaxia. Água... passa muita pelo rio Douro e alguma pelo rio Sousa, mas a *Compagnie* não tem aparelhos em termos e suficientes para absorver, para a filtrar, para a enviar, canalizando-lhe, bem limpa, em direcção à cidade e em relação a todos os perigos modernos consoante as necessidades do desenvolvimento da população.

Assim, a população raciocina: «Os militares, em nome da salvação da pátria, fizeram uma revolução; em nome dessa revolução, apoderaram-se da Câmara Municipal do Porto, para corrigir defeitos, para moralizar costumes, para castigar crimes. Muito bem; sendo assim, a célebre Companhia das Águas está dentro da jurisdição moralizadora.»

A Companhia das Águas, certamente, quer mostrar que, se até aqui, através das desenas de anos, não teve recio algum das outras vereações, porque o péso das suas benesses, do seu dinheiro, dos seus jantares oferecidos às consuevas vergas — agora também o rebrilhar das espadas, o jilantar das espigas, a marcialidade das fardas não lhe causam pavor algum.

Na suposição de que os militares muito menos compreendem do contracto estabelecido, das suas cláusulas, das suas obrigações, dos seus deveres perante a Câmara, perante a cidade, perante o público — julgam igualmente, os potentados da Companhia, que melhor os levarão à bebida. Mas o exército é para a defesa — segundo dizem — da nação invadida. A *Compagnie générale des eaux pour l'étranger* é uma extranha que há muito invadiu o Porto. Estando a Comissão Administrativa militar intrincheirada no município para a defesa dos interesses cidadãos, compete-lhe desalojar o inimigo do público português, das suas posições tomadas para os lados do rio Sousa.

Assim, deve ir averiguar, já que no seu seio conta com técnicos, que a despeito dos constantes aumentos nos preços da metragem da água, o material da Companhia é quasi o primitivo, pouco foi melhorado e aumentado. E se averiguar bem tecnicamente, bem imparcialmente, bem justamente, verá que o rio Sousa tem água suficiente no verão; que mais terá se lhe forem feitas mais barragens capazes de aumentarem os depósitos de reservas.

Verá também que os maquinismos, as turbinas, encarregados de transportar a água para o túnel de Jovim não estão em harmonia com as imperiosas necessidades do consumo da cidade; que as canalizações, tendo uma crosta interior de porcelana feruginhosa, não têm a cubagem primitiva e exigida pela letra do contracto. Verá ainda que os filtros não estão em condições, motivo porque a água costuma estar inquinada... Por tudo isto, e mais pelo que fica por dizer, é que a água falta amudadas vezes. Será, portanto, bom que os militares que estão à frente da Câmara, obriquem a Companhia a cumprir integralmente na parte que lhe diz respeito — fazendo a Câmara aquilo que lhe está na alçada, gradual, mas seguramente...

Isto é o que diz o público. Agora resta saber o que dirá e fará a Comissão Administrativa militar da nova Câmara. Agora é que queremos ver os homens...

Lede o Suplemento de *A BATALHA*

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Filarmónica Verdi — Reñe hoje, pelas 21,30, em assembleia geral para apresentação de contas da gerência e da comissão de melhoramentos.

Teatro Apolo — SEXTA-FEIRA, 16

A mais divertida e monumental comédia

Sucesso notável em Paris no teatro Palais Royal

Nos principais papéis os artistas:

Trenz Gomes, Abílio Belmar, João Estayans e Elvira Velez

Encenação do professor AUGUSTO DE MELO

SCENARIOS NOZZ

Excentrico e artistico JAVZ-BAND

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21,45 HOJE

Torneio Internacional de Luta

Primeiro combate do notável lutador português

Manuel de Oliveira

contra

Samson

Leskinowitch contra Tibermont

Czizuchin contra Ahrens

Travajins contra Grunisen

GRILLO contra SAINT-MARS

Fados, canções e baillados pelos aplaudidos artistas

OS LISBIOS

Teatro Apolo

HOJE às 21,45 HOJE

Torneio Internacional de Luta

Primeiro combate do notável lutador português

Manuel de Oliveira

contra

Samson

Leskinowitch contra Tibermont

Czizuchin contra Ahrens

Travajins contra Grunisen

GRILLO contra SAINT-MARS

Fados, canções e baillados pelos aplaudidos artistas

OS LISBIOS

Teatro Apolo

HOJE às 21,45 HOJE

Torneio Internacional de Luta

Primeiro combate do notável lutador português

Os últimos acontecimentos

A Federação do Livro e do Jornal protesta contra a lei imprensa e contra a suspensão dum jornal

Consoante a deliberação do Secretariado da Federação do Livro e do Jornal e Similares, foi enviado ao ministro da justiça um officio protestando contra a nova lei de imprensa por ser atentatória da liberdade de pensamento e dos direitos e dos interesses dos que nela trabalham.

Também foi officio ao presidente do ministério protestando enérgicamente contra a iniqua suspensão imposta ao jornal *Revolução Nacional*, por representar um abuso do poder e por prejudicar gravemente os interesses do pessoal que nele trabalha.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Da secretária do ministério da Guerra recebemos a seguinte nota oficiosa:

Compareceu no ministério da Guerra o coronel João de Almeida, declarando espontaneamente que se pretende abusar do seu nome para manifestações contra a actual situação, com a qual ele absolutamente concorda.

Acreditamos que a censura deixe passar esta nota oficiosa, visto que ela, por meio do seu diabolico lapis azul, tem, por vezes, defendido o critério de que o *Diário do Governo* se torna suspeito e subversivo quando nós o transcrevemos.

A Academia de Ciências atacada

de curiosidade literária

Foi determinado que os autores e editores de livros portugueses sejam obrigados a entregar à Academia de Ciências de Lisboa, 1 exemplar de todas as obras que publicarem ou editarem.

Uma fornada de novos reitores

Foram ontem para o *Diário do Governo* os decretos nomeando: reitores das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, respectivamente os srs. Drs. Fernando Duarte de Almeida Ribeiro, Pedro José da Cunha e José Alfredo Mendes de Magalhães; vice-reitores, respectivamente, srs. Dr. Domingos Feas Vital, José Maria Queiroz Veloso e Luís Inácio Woodhouse; directores das faculdades da Universidade de Lisboa, de letras, sr. Dr. José Maria Queiroz Veloso; de Ciências, general sr. Alfredo Freire de Andrade e de Farmácia sr. Dr. António Moreira Beato, e directores das faculdades da Universidade do Porto, de letras, sr. Dr. Damiano Peres; de Farmácia, sr. Dr. Aníbal Leite da Cunha, e Técnica, sr. Dr. Luís Couto dos Santos.

O 14 de Julho originou em Paris

vários protestos e conflitos

PARIS, 14.—A revista militar do 14 de Julho, realizada esta manhã, assistiram, junto do túmulo do Soldado Desconhecido, o presidente da República, o sultão de Marrocos, o general Primo de Rivera, governante, autoridades e corpo diplomático. Na revista participaram contingentes de todos os corpos do exército, e destacamentos das tropas de Marrocos e cavaleiros da guarda negra cherrifiana. A passagem das tropas, os comunistas levantaram protestos, o que deu lugar a várias desordens e conflitos. A policia effectou umas vinte prisões, entre as quais a dum conselheiro municipal comunista. — (H.)

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realiza-se hoje, pelas 14 horas, o funeral de António Fernandes, vítima de um desastre na doca de Alcântara no dia 10 do corrente, convidando a direcção dos Descarregadores de Mar e Terra todos os seus associados, e os sindicatos federados, a fazerem-se representar, no préstito fúnebre, que sai da morgue para o cemitério da Ajuda.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete *Pedro Gomes* são hoje expedidas malas postais para a Madeira e Africa Occidental, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência ordinária às 13 horas, e para a registada recebem-se, até às 11 horas e pelo paquete *Desna* para o Rio de Janeiro, Santos e Argentina. As últimas tiragens são: para a registada às 9 horas e da ordinária às 11 horas.

TEATRO APOLO

SEXTA-FEIRA, 16

A mais divertida e monumental comédia

Sucesso notável em Paris no teatro Palais Royal

Nos principais papéis os artistas:

Trenz Gomes, Abílio Belmar, João Estayans e Elvira Velez

Encenação do professor AUGUSTO DE MELO

SCENARIOS NOZZ

Excentrico e artistico JAVZ-BAND

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21,45 HOJE

Torneio Internacional de Luta

Primeiro combate do notável lutador português

Manuel de Oliveira

contra

Samson

Leskinowitch contra Tibermont

Czizuchin contra Ahrens

Travajins contra Grunisen

GRILLO contra SAINT-MARS

Fados, canções e baillados pelos aplaudidos artistas

OS LISBIOS

Teatro Apolo

HOJE às 21,45 HOJE

Torneio Internacional de Luta

Primeiro combate do notável lutador português

Manuel de Oliveira

contra

Samson

Leskinowitch contra Tibermont

Czizuchin contra Ahrens

Travajins contra Grunisen

GRILLO contra SAINT-MARS

Fados, canções e baillados pelos aplaudidos artistas

OS LISBIOS

Teatro Apolo

HOJE às 21,45 HOJE

Torneio Internacional de Luta

Primeiro combate do notável lutador português

Manuel de Oliveira

contra

Samson

Leskinowitch contra Tibermont

Czizuchin contra Ahrens

Travajins contra Gr

MARCO POSTAL

Riachos. — Manuel Simões Serodio. — Recebemos vale de 28550 que paga a assinatura até 30 de Setembro, p. f.

Aveiro. — Alexandre Graça. — Mande as 2 fotografias.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid cheque		3\$11
Paris, cheque		\$51
Suica, cheque		5\$78,5
Bruxelas cheque		\$47
New-York, cheque		19\$55
Amsterdã, cheque		7\$85
Itália, cheque		\$68
Brasil, cheque		\$310
Praga, cheque		\$58
Suécia, cheque		5\$24
Austria, cheque		2\$77
Berlim, cheque		4\$67

ESPECTACULOS

TEATROS

Trindade. — A's 21, 30 — O Patriota.

Pollente. — A's 21, 30 — O Leão da Estrela.

Trindade. — A's 21, 30 — O Dr. da Mula Ruça.

Maria Vitória. — A's 21 e 30 — O Az de Espadas.

Varietões. — A's 21 e 30 — O Pó de Arroz.

Século 30. — A's 21 e 30 — Malmesbury. — Varietões.

A's 13 — Matinée.

Cinema (1-Vicente (4 Graça) — Espectáculos às 3, 4, 5, sábados e domingos com enquetes.

Trindade. — Todas as noites. Concertos: di. 10, 11, 12.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chido Terreno — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Serviço combinado com a Empresa Geral de Transportes, Limitada

AVISO AO PÚBLICO

6.º Aditamento ao Aviso ao Público A n.º 123

CAMIONAGEM DE MERCADORIAS

ENTRE A estação de Porto-Campanhã, a vila de Matosinhos e o porto de Leixões

No dia 15 de Julho de 1924 entra em vigor a tarifa de camionagem para o transporte de mercadorias, em grande e pequena velocidade, entre a estação de Porto-Campanhã e a vila de Matosinhos, onde é criado um posto de despacho denominado «Matosinhos-Central», e sito na Rua Brito Capelo n.º 665.

Poderão também ser efectuados, por intermédio do mesmo Despacho, transportes de mercadorias em grande e pequena velocidade entre a estação de Porto-Campanhã e o porto de Leixões (molhe do lado Norte), devendo, para esse efeito, os expedientes indicar nas notas de expedição «Central Matosinhos-Leixões», como ponto de destino das remessas.

Para mais esclarecimentos, podem os interessados consultar a tarifa e obter a por compra nas estações desta Companhia.

HORÁRIO DOS COMBOIOS

1.º Aditamento ao Cartaz-horário D. 123

Tramways entre Lisboa, Sacavém, Vila Franca, Carregado e Azambuja

A partir da data do presente são válidos para o comboio tramway n.º 1423, que parte de Lisboa-Rossio às 20-05 e chega a Vila Franca às 21-23, os bilhetes semanais e mensais de assinatura de 3.ª classe do Artigo 4.º da Tarifa Especial n.º 14 de grande velocidade.

Lisboa, 9 de Julho de 1924. — Pelo director geral da Companhia, o Engenheiro Chefe da Exploração, Lima Henriques.

1.º Aditamento ao Cartaz-horário D. 181

RAPIDOS ENTRE LISBOA E MADRID

Por dificuldade no estabelecimento do novo horário na Linha espanhola de M. C. P., até aviso em contrário, os comboios rápidos entre Lisboa e Madrid, (n.ºs 151 e 152) fazem serviço de passageiros em 2.ª classe unicamente no percurso entre Lisboa e Valência de Alcântara.

Transitoriamente, portanto, não se vendem bilhetes de 2.ª classe ao comboio rápido de Lisboa-Madrid (n.º 151) para estações espanholas situadas além de Valência de Alcântara.

Lisboa, 2 de Julho de 1924.

2.º ADITAMENTO

Tarifa especial interna N.º 11 — Grande velocidade

Os volumes que, ao abrigo da disposição do 1.º Aditamento à Tarifa acima indicada, devam ser conduzidos nos furgões ou vagões dos comboios que circulem entre Lisboa e Torres Vedras, só se aceitam para transporte quando presumivelmente não tenham peso superior a 40 quilos cada um.

Lisboa, 8 de Julho de 1924.

3.º ADITAMENTO

Tarifa especial interna n.º 3 — Grande velocidade

Os volumes que, ao abrigo da condição 4.ª da tarifa acima indicada, devam ser conduzidos nos furgões ou vagões de reserva dos comboios tramways só se aceitam para transporte quando presumivelmente não tenham peso superior a 40 quilos cada um.

Lisboa, 8 de Julho de 1924.

Pelo Director Geral da Companhia o Engenheiro Chefe da Exploração Lima Henriques

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o FERREOL Não prejudica a saúde. Caixa 15000. Envia-se pelo correio à cobrança. FARMACIA CUNHA R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Faz-se público de que, até ao dia 15 de Julho de 1924, pelas 16 horas, esta Direcção receberá propostas, em carta fechada, dirigidas ao Engenheiro-Chefe do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, (Secção de Tráfego), em Barreiro, para a venda de água, refrigerantes, frutas e doces nas estações abaixo indicadas:

Lavradio, Alhos Vedros, Pinhal Novo, Setúbal, Pinheiro, Alcácer do Sal, Grandola, Louzal, Enmadas, Funcheira, Santa Clara-Sabóia, São Marcos, Messines, Tunes, Loulé, Luz, Tavira, Vila Real, Poceirão, Pegões, Torre da Gadanha, Viana, Vila Nova, Cuba, Santa Vitória, Aljustrel-Castro Verde, Aldega, Moura, Silves, Portimão, Lagos, Arraiolos, Moura, Souzel, Évora, Azaruja, Extrémaz, Ameixial, Vila Viçosa.

São prevenidos os proponentes de que: 1.º—No involucro das propostas, além do endereço, deverá indicar-se o seguinte: Proposta para a venda de água, refrigerantes, frutas e doces.

2.º—As propostas podem ser entregues até ao dia 14 do corrente ao Chefe das estações respectivas e deverão estipular claramente o preço fixo oferecido para a venda durante um ano, considerando-se nulas e de nenhum efeito as que se apresentarem fora destas condições.

3.º—As demais condições estão patentes na Secção de Tráfego, Palácio Coimbra-BARREIRO, e nas estações acima indicadas.

Lisboa, 5 de Junho de 1924.

6.º Aditamento à Tarifa de Despesas Acessórias

(MODIFICAÇÃO DO ARTIGO 7.º)

A partir da publicação do presente, o último período do Artigo 7.º da Tarifa de Despesas Acessórias relativo a transferências de remessas entre cais da mesma estação, é modificada como segue:

Estas transferências só são efectuadas mediante requisição feita na respectiva estação, quando delas não advinha inconveniente para a organização do serviço da mesma estação.

Lisboa, 1 de Julho de 1924.

Pelo Engenheiro-Director Fernando Arruda

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vesiga urinária—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 horas.

Doenças nervosas, electrotapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.

Doenças das crianças—Dr. Emilio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Rio X—Dr. Alen Saldanha—4 horas.

Análises—Dr. Gabriela Bento—4 horas.

POLICLINICA POPULAR

RUA MORAIS SOARES, 114

(Telefone, 5460-Norte)

Cirurgia, operações, às 15 horas—Dr. Abel da Cunha.

Estômago, intestinos e fígado. Clínica geral, às 11 horas—Dr. Eduardo Neves.

Coração e pulmões. Clínica médica, às 15 horas—Dr. Leão da Silva.

Boca e dentes, desde as 9 horas—Dr. Domingos Pereira.

Doenças das crianças, às 12 horas—Dr. Fias de Matos.

Doenças da nutrição. Clínica Geral, às 16,30 horas—Dr. Camezuli Ferreira.

Doenças dos olhos, às 14 horas—Dr. Caetano S. Oliveira.

Pele e sífilis, às 11 horas—Oliveira Feijão.

Doenças das senhoras, às 17,30 horas—Dr. Isabel Pereira.

Garganta, nariz e ouvidos, às 10,30 horas—Gomes Coelho.

Rins e vias urinárias, às 12,30 horas—Dr. H. de Fontoura Madureira.

Raios X—Dr. Alen Saldanha.

ANÁLISES CLÍNICAS VACINAS

Policlínica da Estrela

Rua Domingos Sequeira, 1.º, r/c—Lisboa

TELEFONE TRINDADE-202

Doença dos rins e vias urinárias, às 10,30 horas—Dr. António Prior.

Clínica cirúrgica—Operações, às 16,30 horas—Dr. Bastos Gonçalves.

Ouvidos, nariz e garganta, às 9,30 horas—Dr. Carlos Larroque.

Sífilis e doenças venéreas às 11 horas—Dr. Carmo dos Santos.

Clínica médica, coração e pulmões, às 18 horas—Dr. Drummond Borges.

D. das grávidas, puerperas, útero e anexos—Doenças das crianças, às 12 horas—Dr. José Bonito.

Estômago, fígado e intestinos—D. da nutrição (dieta, zola, obesidade, às 14 h.—Dr. Luiz Quintela.

Clínica geral às 14 h.—Dr. Manuel d'Assumpção.

Doença da pele e venerologia, às 15,30 horas—Dr. Castro Carrazo.

Análises clínicas—Vacinas, às 15 horas—Dr. Marques Manuças.

Doenças dos olhos, às 9,30 h.—Dr. Sertório Senna.

Doenças da boca e dentes—Prótese, 12,30 horas—Dr. Virgílio Xavier.

Raios X—Radioterapia, às 16 horas—Dr. Alen D. Nervosa e Mentis—Electrotapia, às 16 h.—Dr. Luiz Pacheco.

Oriopatia—Massagem—Ginástica médica, às 15 horas—Dr. Salazar Correia.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas. \$30

O sentido em que somos anarquistas \$30

A peste religiosa. \$40

A Liberdade. \$50

A Internacional (música e letra). \$80

Pedidos, à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 83

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

É o título do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de 70. Pelo correio \$70.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A BATALHA.

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Medicam um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL pór-vos-lá no abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis «Citroën» (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escritório e Garagem: Rua Almirante Barroso, 21

Procurai com confiança qualquer FILIAL da

Empresa Val do Rio J.º

(RECONSTITUIDA)

VINHOS, AZEITES, VINAGRES OS MELHORES

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES: RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.º

Telefone 207 C.

É bom beber mas... Sabendo o que se bebe Sabendo quanto se bebe

Procurai com confiança qualquer FILIAL da

Empresa Val do Rio J.º

(RECONSTITUIDA)

VINHOS, AZEITES, VINAGRES OS MELHORES

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES: RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.º

Telefone 207 C.

Fábrica de Malas, Carteiras e Artigos de Viagem

DE JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

Rua da Cruz da Carreira, n.º 43

Estabelecimentos para venda ao público:

Praça José Fontana, N.ºs 11 e 11-A

Avenida Casal Ribeiro, N.ºs 45 e 47

LISBOA

Telefone 5.347 N.

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

MI Comunismo, Sebastião Faure

La Revolucion Social em Francia, Miguel Bakunine (2 volumes)

Cartas a uma mulher sobre a anarquia, Luiz Fabri.

La Ukrania revolucionária, Agustin Soucy.

Anarquismo y organización, Rodolfo Rocker.

Entre campesinos, E. Malatesta

En Ukrania, Rudenko.

Miguel Bakunine, J. Guillaume

Los anarquistas (Estudo e república) Lombroso y Mella.

Errico Malatesta, Max Nettlau.

Artistas y Rebeldes, R. Rocker

Nicolas, Romain Rolland.

2 Sovietes y Dictadura, Varin.

El Estado moderno, Kropotkin

Dictadura y Revolucion, Luiz Fabri.

Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker.

Problemas universitários, Lelio O. Leno.

La Revolucion, José Torralvo.

Dios y el Estado, M. Bakunine.

Páginas seletas, Multatuli.

Ensayos y Conferencias, Pedro Gori.

Dos años en Russia, E. Goldman

Quinet, Falaiz.

La pena de muerte, G. Alomar

El Teatro del Pueblo, V. de Pedro.

El Teatro del Pueblo, por Valentin Pedro.

Accion Directa, por Angel Pestal.

1900

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 1\$500

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

«A BATALHA» no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETO3

Eliseu Reclus — Anarquia e a Igreja 1\$00

Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura. 50

José Prat — A burguezia e o proletariado. 50

A necessidade da Associação. 50

Content — Contra o confusãoismo. 30

Alfredo Neves Dias — Razão (poema social). 50

Landauer — Social Democracia. 30

R. Mela — O principio do fim. 30

A maçonaria e o proletariado. 30

J. Most — Peste religiosa. 50

Rio 1\$00

J. Trovas da noite. 50

Definições sociais. 50

O Cavador (teatro). 1\$00

Horas anárquicas (versos). 50

— Carnet de Pensamento. 50

J. Bakunine — No sentido em que somos anarquistas. 50

Chueca — Como não ser anarquista. 50

B. Lazare — A Liberdade. 50

J. Ertvart — A minha defesa. 50

Kropotkin 1\$00

A mocidade. 50

Os bastiões da guerra. 50

Moral anarquista. 50

O espírito revolucionário. 50

J. Guedes — Lei dos Salários. 50

Briand — A greve geral. 50

Roland — Russia Nova. 50

— O sindicalismo e os intelectuais. 50

D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário. 50

A. Hamon — A crise do socialismo. 1\$00

J. Santos — A transformação da sociedade. 50

Neno Vasco 50

Georgicas 30

Greve de inquilinos, teatro. 1\$00

Domela — Pátria e Humanidade. 30

— Proletariado Histórico. 1\$00

G. Archinoet — A Revolução e o Sindicalismo. 50

Carlos Rates — Aditadura do proletariado. 1\$00

Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus. 1\$00

N. Lenine — A luta pelo pão. 50

Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária. 1\$00

Trotsky — Constituição política da República dos Sovietes. 50

G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermelha. 50

C. de G. O. N. M. — Procriação consciente. 50

José Torralvo — La Revolucion. 1\$50

Leão O. Zeng — Problemas universitários. 2\$00

La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número, 2\$00

Do estatuto confederal

CAPÍTULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarizado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de aplicação com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Artigo 2.º — A Confederação Geral do Trabalho tem por objectivo:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarizado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de aplicação com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Artigo 3.º — A Confederação Geral do Trabalho tem por objectivo:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarizado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de aplicação com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Artigo 4.º — A Confederação Geral do Trabalho tem por objectivo:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarizado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de aplicação com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Artigo 5.º — A Confederação Geral do Trabalho tem por objectivo:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarizado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de aplicação com as Centrais dos outros países, para a ajuda mú



Lutemos pela Escola!

«A mais urgente campanha é a da Escola, e essa não espera e tem de ser fundamental, derrocando todas as velhas convenções, velhos sistemas, autopsiando livros, professores, regulamentos, varrendo raso quanto não esteja à altura da gloriosa missão de fazer homens».

«Quem há que sustente que estas palavras não têm ainda hoje a crua realidade que há três dezenas de anos Fialho lhe notava?»

A mesma vacuidade de ideais, de processos e de instrumentos.

O mesmo classicismo óco, vão e esterilizado, de braço dado com a baixa moral dos dias que vão correndo, continuam a manter de pé a enfermidade principal da civilização actual—o postigo da ideia, a falsidade do talento, a descaracterização da personalidade.

Atravessamos uma época crítica, em que o vertiginoso tumultuar das ideias arrasta a desalento precocemente senis os temperamentos mais robustos.

Um não sei quê de nervosismo mórbido percorre a cadeia dos neurones do edifício social, que ameaça descompartar-se.

Trava-se uma luta tenaz, encarnizada, feroz, entre as ideias que desmontam e o conservantismo que se agarra, qual escarvalho, a uma geração que está passando.

No fundo escuro de uma civilização hipócrita, levanta-se, em convulsões de ameaça, uma onda de fúria—produzida glorioza de uma civilização democrática.

Os políticos são conservadores, os detentores do poder têm ainda pela cartilha do livre-arbítrio. Estamos numa sociedade em que o livre arbítrio é ainda a Escola da nossa «elite»—essa «elite» que se pavoneia pelos cafés e pelos clubes; a escola—a panacea da miséria—essa miséria, escárnio de um século, de uma civilização, que só é grande pelas fúrias gordas que encimam as colunas das gazetas.

A nossa legislação, no que diz respeito ao aspecto económico, é tenebrosa. A miséria é respaldada na nudez fria do seu aspecto horrífico. Uma onda negra de miséria alastra ainda as sociedades. Uma grandíssima percentagem da sociedade morre, hoje agulhada a um trabalho estiolante, de que não afluente a suficiente para um magro sustento, enquanto meia dúzia de patriotas saciam à larga a viscerreira. Um cortejo macabro de famintos está-se dirigindo para o bloco sinistro da legislação actual.

«O Sol é a alegria e o contentamento, e vive-se em tocas infectas, na eternidade da sombra, e trabalha-se em antros tenebrosos, na eternidade da fadiga».

E, contra esse infâmio estado de coisas, há a terapêutica, refinadamente hipócrita, profundamente hipócrita, profundamente antisocial, dos nossos condões de Abrahams.

A nossa educação é ainda simplesmente jesuítica; os nossos ideais educativos, quando os há, são ainda estreitos, e debatem-se num ciclo vicioso do reaccionarismo e do indiferentismo.

Ser jesuítas entrou já no domínio da nossa actividade reflexa. Somos jesuítas porque as inextinguíveis leis de uma hereditária fatal e de uma educação estruturalmente jesuítica assim o determinam. A extinção da Companhia de Jesus foi simplesmente oficial, meramente fictícia, porque a seita de Lóiola teve o tempo suficiente para deixar em cada português um jesuíta completo—que hoje se mascara de livro-pensador.

Então-se brios de patriotismo snob; realizam-se festas de consagração nacional; levantam-se bronzes aos pais da Pátria, enquanto as Escolas de Portugal caem umas após outras, como um castelo de ilusões de uma vida que se passou.

A volta da Escola criou-se uma apatia horrível, que está dando a crise de carácter e de ignorância em que actualmente nos debatemos.

«A clássica trindade do ler, escrever e contar, que não é outra coisa mais do que o analfabetismo mascarado, ali está ainda, afirmando-se pelos seus resultados altamente perniciosos. E, quando se fala em ignorância, vem logo à baila o estafado assunto do analfabetismo, tecla cansada, no dizer criterioso de um vulto superior, e que os nossos políticos salientam nos seus discursos de óca retórica, para obterem mais um voto que os guinde à cadeira do poder, onde saciem à larga a tripa-forra».

Não há crise financeira, não há crise política, como não há crise industrial ou comercial. Há uma crise de ideal, de Escola, de Educação, de Instrução, e essa tem de ser resolvida por criaturas afeiçoadas a sectarismos partidários, a patriotismos perigosos, a seitas tenebrosas.

Urge uma obra de aproveitamento completo das actividades humanas, de canalização de energias, que venha pôr cobro ao parasitismo actual que nos estiola.

Urge uma obra de reorganização social, que acabe com velhas superstições, com velhos lemas, e de que surja, num cântico de amor, imaculada, a única Verdade.

Impõe-se uma luta pela miséria.

A escola é degradada, não tem direitos científicos.

«A escola, disse o Miguel Bombarda, sob as suas múltiplas formas, tende a desaparecer, ao mesmo tempo que se principia a olhar para os inúmeros factores de miséria e de degradação».

A luta a que Fialho aludia ainda se não iniciou.

A Escola debate-se num campo de esterilidade.

A obra de demolição e de demagogia urge fazer cedo—reunindo, num estorço único, todas as actividades—um período essencialmente criador.

A crítica negativista, ao desalento hipócrita e comodista, ao desânimo piegas, sentimental, uma conjugação de esforços e de ideais, de princípios e de actividades, que venham fazer da Escola um laboratório científico, onde se não de preparar as forças da sociedade de amanhã.

Que a Escola seja, como dissemos algures, pela Vida e para a Vida: um centro de preparação e selecção de inteligências, sem preconceitos desumanos de classes ou de castas; cadinho enorme onde se vão fundir, num ideal único—o bem da Humanidade—todos os elementos que hoje se degladiam numa luta fratricida.

O grande problema, o problema nacio-

Asneiras bíblicas

IV

Afirma a Bíblia que o profeta Jonas foi engulido por uma baleia, em cujo interior esteve três dias e três noites, alimentando-se tranquilamente com os fígados do bicharrouco, o qual, passado aquele lapso de tempo, o vomitou na praia.

E' preciso desconhecer por completo a organização duma baleia, cujas gulas não comportariam nem uma perna do profeta, para se afirmar tal dislate. Mas o Deus bíblico estava tão fraco em zoologia como em todas as outras ciências. Nunca se viu mais chapado ignorante, a não ser o padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

Por sua parte, Esdras dá-nos esta curiosa lição de cronologia retrospectiva; de Esdras a Helcias, sob Josias, 160 anos, havendo apenas quatro ascendentes directos; de Helcias a Achitob, no tempo de David, 420 anos, havendo apenas três ascendentes, o que dá 140 anos, em média, a cada um desses sujeitos, pelo menos; de Achitob a Aarão; que foi o primeiro pontífice, dez ascendentes. Muito vivia esta gente! E' mesmo o que se chama ter folego de gato...

O profeta Jeremias, falando dos scythas, vindos do Norte no tempo de Josias e de Cyaxares, diz: «Um povo veio de Safun; uma grande nação saiu das coxas da terra».

As coxas da Terra: eis uma imagem feliz. E' como se dissesse dos bigodes do sol, ou dos cornos do profeta.

Samuel é um daqueles gajos inspirados, a quem Deus permitiu, por milagre, que escrevessem as suas crónicas... depois de mortos, talqualmente como Moisés e Daniel, que nos referem a sua própria morte, e continuam ainda a escrever.

Pois bem: Samuel no capítulo XXVIII do seu livro primeiro, refere que, tendo morrido, o rei Saúl desejou consultar o seu espírito, e para esse efeito se foi ter com uma feiticeira, a qual tinha o poder de evocar os espíritos dos mortos. Esta fez-se rogada, mas sempre anuiu ao desejo de Saúl: o espírito de Samuel saiu da região das sombras, e apareceu ali... à preta, na presença do rei malido.

Interessa-nos pouco o diálogo do rei com o fantasma. Notaremos apenas esta caladina, própria dum espírito que chega do império da morte: Samuel declarou a Saúl que Deus se fizera seu rival!

Já que falamos em Saúl, vá lá mais: O capítulo XIII do livro I dos Reis, começa afirmando que Saúl tinha um ano quando começou a reinar, e que reinou dois anos. E' tolice manifesta do tradutor (o douto São Jerónimo) e da igreja infalível que lhe adotou a tradução, pois que no original há uma lacuna que São Jerónimo preencheu como se lá estivesse a palavra *ahad* (vid. Volney). A passagem fôra suprimida na versão grega de Alexandria, por ser incompreensível. São Jerónimo e a igreja não se prenderam com tão pouco, embora Flávio Josefo, traduzido pelo padre Rufino, amigo de São Jerónimo, diga que Saúl reinou 18 anos em vida de Samuel, e dois depois da morte deste juís.

E' em verdade preciso ser muito besta para querer que o primeiro rei dos judeus tenha feito todas as coisas que se lhe atribuem na crónica, vivendo apenas... três anos.

Mas aos inspirados e aos infalíveis tudo é permitido.

Continuemos: Segundo se lê nos Reis, Jerobão terá reinado 41 anos, sendo 15 no tempo de Amasias e 26 no tempo de Ozias. Por consequência, Zacarias, filho de Jerobão, sóbe ao trono no ano 27 de Ozias. Entretanto no livro II dos Reis, capítulo XV, volume 8, esse facto dá-se no ano 38 de Ozias!

No livro II dos Reis, capítulo XVI, volume 2, Achaz, filho de Joatham, sucede-lhe na idade de 20 anos e reina 16; seu filho Ezequias sucede-lhe, todavia, na idade de 25 anos, o mesmo que vem a ser afirmar que o rei Achaz fez um filho quando apenas tinha 10 anos de idade!

Emfim, por Deus tudo é possível...

Heliodoro SALGADO

CRISE DE TRABALHO

NO ESTRANGEIRO

Subvenções aos desempregados
BERLIM, 14.—O Banco Nacional de Muenster, Westfalia, enviou seis milhões de marcos para o fundo das subvenções aos desempregados alemães.—(L.)

Uma comissão do Sindicato Unico da Construção Civil procurou ontem o presidente do ministério a fim de o entrevistar sobre a crise de trabalho e a readmissão dos operários que trabalhavam nas obras do parlamento.

A comissão foi atendida pelo secretário do chefe do governo que lhe declarou que o ministro do Comércio já concedeu as verbas para as obras do Estado e que já mandou chamar o engenheiro Abecassis para tratar do assunto.

A comissão vai hoje avistar-se com o director dos Edifícios Públicos e o administrador para conseguir que ainda esta semana os operários sejam readmitidos.

nal, problema social—é o problema da Escola. Mas não—samente o problema do analfabetismo, porque a filosofia educativa tem hoje um âmbito mais largo.

Acanhado é o horizonte de um povo que curar somente de se iniciar no mistério de uma leitaria mecânica.

Portugal é um povo que acusa a percentagem pavorosa de oitenta por cento de analfabetos—diz-se. Mas esquecem-se de que noventa e cinco por cento dos que sabem ler não penetram com consciência na actividade social a que se destinam.

Discutir, pois, somente o problema do analfabetismo é uma prova cabal da curteza de vistas e de ideais de quem o apresenta.

«E a revolta contra as ideias que se fixaram com as energias rizes de uma tradição secular e de uma educação (?) de todos os dias somente se pode fazer quando uma nova educação do espírito lhe tem fornecido armas vigorosas, as armas que só uma ciência positiva sabe forjar» (M. Bombarda).

Mauro PENA

Os mutilados e inválidos da guerra

entregaram ontem uma representação ao ministro da Guerra

Pelos Mutilados e Inválidos da guerra foi entregue ao actual ministro da guerra uma representação que, sem comentários, não vá a censura melindrar-se, passamos a reproduzir.

Ex.º sr. Ministro: Os Mutilados e Inválidos da Guerra apenas solicitam de v. ex.º o cumprimento das Leis n.ºs 1777 e 1858, que deverão ser lidas por v. ex.º, antes que o elucidem com menos precisão.

Pelo artigo 4.º da Lei n.º 1777 foi nomeada uma junta para rever todos os processos de mutilados e inválidos da guerra.

A pesar da lucidez desse artigo obrigaram contra o espírito da lei, a deslocar-se dos confins do país a chaga humana, a Lisboa, para verificarem se na realidade eram esses os desgraçados que se arruinaram nos campos de batalha.

Os que baixaram ao Hospital para serem observados, levavam como estigma do seu crime no boletim clínico e noutros documentos hospitalares, a tinta encarnada «Baixa para ser observado nos termos do artigo 4.º da Lei 1777» como a um vulgar criminoso, o que nunca sucedeu aos revolucionários, impondo-se uma junta de revisão, antes pelo contrário, decorridos dezasseis anos de mudança de regime ainda foram reconhecidos alguns revolucionários que se bateram (os que se bateram) com os seus irmãos de nacionalidade, durante algumas horas, sem privações de espécie alguma.

Que triste contraste!

O Parlamento da República, entendendo acabar com o vexame a que estavam sendo sujeitos os mutilados e inválidos de guerra; e, num gesto de gratidão pelos seus soldados heróicos, aprovou a lei 1858 que mandou anular todos os efeitos produzidos por essa junta, rasgo esse elogiado por toda a imprensa do país (vide jornais da época) e acarinhada pelo povo que para a guerra enviou seus filhos queridos.

Os mutilados e inválidos de guerra que não tremeram na guerra, tremem hoje na paz, recendo a fome que há muito impera nos seus lares e esperam que v. ex.º mantenha as deliberações tomadas pelo seu antecessor, que tendo sido presidente da junta a que se refere o artigo 4.º da Lei n.º 1777 (revogada pela lei 1858) e que assistiu às ilegalidades do funcionamento daquela junta, melhor do que ninguém ajuizou e viu, ordenou assim que assumiu a chefia do exercito que se desse immediato e pleno cumprimento à lei 1858 (nota n.º 3061 da Republica do gabinete de 7-7-926) e cuja entidade é aquela a quem v. ex.º não tem negado louvores à sua acção como comandante que foi do C. E. P. na Flandres.

E' v. ex.º um distinto militar e um diplomata que ornamenta com a sua brilhante figura o nosso glorioso exercito, é pois para v. ex.º que os mutilados e inválidos de guerra apela para verem coroado de êxito o cumprimento enérgico das leis e que se cumpra a voz do povo português que apenas solicita.

Assim:
—De 1 de Setembro de 1923 a 14 de Novembro de 1924, gastou-se com os automóveis do governo geral, pelo antecessor de Azevedo Coutinho, a importância de 520 libras do Banco N. Ultramarino, ou seja, ao câmbio actual, 52 contos, o que dá, em média, o dispêndio de 3.586\$00 por mês.

—De 15 de Novembro de 1924 a 31 de Abril de 1926, gastou o «Nero de Moçambique» com os automóveis do alto commissariado, além de 1.556 libras B. N. Ultramarino, ou seja, em média, um dispêndio de 23.862\$00 por mês.

São números que clamam alterosamente: «Azevedo Coutinho, o esbanjador».

Assim:
Ora foi um político e gastador d'êste quilate, que quiz fazer economias no mais importante serviço moçambicano!

Economias como?

Simplemente cortando garantias a operários antigos, para, no maior número de casos ir engordar a indústria particular a quem passou a pagar concertos e reparações por preços mais elevados.

Azevedo Coutinho faliu antes de tomar posse, em Lourenço Marques, do cargo de alto commissário. Já de Londres, onde tinha andado, nada menos de 4 meses, à caça dum empréstimo, fôra para Moçambique transformado em autêntico alto commissário, e como o tinham enfeitado da capital inglesa por se fazer acompanhar duma patrulha numerosa e devorante, quiz demonstrar em Lourenço Marques, aos olhos incautos das nulidades que enxameavam o ministério das Colónias, que também tinha arcabouço para administrador, que também possuía veia para economista; e daí as suas cabriolas na corda bamba da Reorganização, lançando o caos em serviços excelentemente montados, lançando a desordem e o terror numa colónia que sempre vivera e progredira em paz, sossegada, tranquila.

Mas fica aí, à vista, o que Vitor Hugo sabia economizar. E' nas pequenas coisas que se conhecem os grandes homens. Azevedo Coutinho gastou, mensalmente, com os automóveis, aproximadamente 7 vezes mais do que o seu antecessor. Isto significa, sem sombra de dúvidas que passou 7 vezes mais e que trabalhou 7 vezes menos do que o magistrado que foi substituído.

Foi um «recorde» de bamboceta.

E não se fala, nos números acima, da gasolina, pneumáticos, óleos, etc., gastos com os caminhões que lhe faziam escolta, à frente e a trás, no caminho de Namaacha, um percurso de 170 quilómetros por semana; como também não entram nos algarismos que ficam registados, ordenados de «chauffeurs», gratificações aos guarda-costas...

O requerimento ficou impedido na secretaria da Câmara Municipal, por falta de vistoria. Requerer o sr. Guerra Anjos a vistoria e só em 8 de Maio foi dado despacho de deferimento. Os técnicos concluíram da vistoria feita que o prédio estava em péssimas condições, recusando-se todas as alterações e determinando-se a imediata demolição.

O sr. Guerra Anjos apresentou então um requerimento libando perante a Câmara Municipal as suas responsabilidades em qualquer provável desastre. Nova vistoria e novo parecer de técnicos a preconizar a demolição, pois se reconhecia o perigo imminente de derrocada.

A pesar disso, o senhorio foi novamente intimado a proceder à limpeza do edificio, sendo multado por não ter obedecido à primeira intimação, mas tendo sido anulada a multa por reclamação do senhorio.

Agora, o prédio teve de ser demolido em parte, mas o que ainda ficou continua ameaçando ruína e só agora a Câmara Municipal, por intimação com data de 13 de Julho, se resolveu a mandar demolir completamente o prédio.

Eis as declarações que nos foram prestadas pelo sr. Amadeu da Guerra Anjos, que nos mostrou ainda cópias de requerimentos seus, despachos camarários, uma declaração dos inquilinos sujeitando-se às obras sem abandonarem as casas, e pareceres dos técnicos que procederam às vistorias

POR LOURENÇO MARQUES

A inexgotável crónica dos esbanjamentos de Azevedo Coutinho

Victor Hugo, aquele *alto commissário* tão celebrado, que o democratismo pôs a devorar Moçambique, para ocultar ou dourar muitos dos seus esbanjamentos, inventou uma reorganização dos C. F. L. M., reduziu à miséria operários antigos já acimatados, mandou prender, perseguir e deportar, simplesmente para, em telegramas falsos como Judas, ir dizendo para o Ministério das Colónias que se via a braços com uma greve por querer economizar, por querer moralizar serviços que andavam fora dos eixos.

Faltava à verdade. Havemos de prová-lo mais uma vez aqui, fazendo uma análise imparcial e rigorosa à celebríssima reorganização que lançou os C. F. L. M., num verdadeiro caos e a província de Moçambique num autêntico vulcão.

Antes, porém, pois esse assunto é vasto e para seu completo esclarecimento nos fariam alguns elementos que julgamos de valor, desejamos demonstrar mais um dos esbanjamentos do «Nero de Moçambique». Sempre o Governo Geral daquela possessão ultramarina teve carros ao seu serviço. O general Freire de Andrade tinha um trem e teve mais tarde um automóvel; o general Massano de Amorim teve dois automóveis e o mesmo número conservaram os drs. Moreira da Fonseca e Brito Camacho; pois Azevedo Coutinho não se contentou com menos de 5, sendo um destinado a trazer as compras (carne, peixe, etc.) da praça.

E' impossível descrever todo o serviço em que esses automóveis se gastaram. Um há, onde se não pode sentir gente limpa, por, pelas altas horas da noite, ter servido testemunho ocular de muita gente, para passeios de mulheres de má nota.

Mas vamos ao mais interessante. Vamos confrontar números, porque são esses que dão a medida exacta do que foi o regime económico do patusco consulado do marchal democrático.

Assim:
—De 1 de Setembro de 1923 a 14 de Novembro de 1924, gastou-se com os automóveis do governo geral, pelo antecessor de Azevedo Coutinho, a importância de 520 libras do Banco N. Ultramarino, ou seja, ao câmbio actual, 52 contos, o que dá, em média, o dispêndio de 3.586\$00 por mês.

—De 15 de Novembro de 1924 a 31 de Abril de 1926, gastou o «Nero de Moçambique» com os automóveis do alto commissariado, além de 1.556 libras B. N. Ultramarino, ou seja, em média, um dispêndio de 23.862\$00 por mês.

São números que clamam alterosamente: «Azevedo Coutinho, o esbanjador».

Assim:
Ora foi um político e gastador d'êste quilate, que quiz fazer economias no mais importante serviço moçambicano!

Economias como?

Simplemente cortando garantias a operários antigos, para, no maior número de casos ir engordar a indústria particular a quem passou a pagar concertos e reparações por preços mais elevados.

Azevedo Coutinho faliu antes de tomar posse, em Lourenço Marques, do cargo de alto commissário. Já de Londres, onde tinha andado, nada menos de 4 meses, à caça dum empréstimo, fôra para Moçambique transformado em autêntico alto commissário, e como o tinham enfeitado da capital inglesa por se fazer acompanhar duma patrulha numerosa e devorante, quiz demonstrar em Lourenço Marques, aos olhos incautos das nulidades que enxameavam o ministério das Colónias, que também tinha arcabouço para administrador, que também possuía veia para economista; e daí as suas cabriolas na corda bamba da Reorganização, lançando o caos em serviços excelentemente montados, lançando a desordem e o terror numa colónia que sempre vivera e progredira em paz, sossegada, tranquila.

Mas fica aí, à vista, o que Vitor Hugo sabia economizar. E' nas pequenas coisas que se conhecem os grandes homens. Azevedo Coutinho gastou, mensalmente, com os automóveis, aproximadamente 7 vezes mais do que o seu antecessor. Isto significa, sem sombra de dúvidas que passou 7 vezes mais e que trabalhou 7 vezes menos do que o magistrado que foi substituído.

Foi um «recorde» de bamboceta.

E não se fala, nos números acima, da gasolina, pneumáticos, óleos, etc., gastos com os caminhões que lhe faziam escolta, à frente e a trás, no caminho de Namaacha, um percurso de 170 quilómetros por semana; como também não entram nos algarismos que ficam registados, ordenados de «chauffeurs», gratificações aos guarda-costas...

O requerimento ficou impedido na secretaria da Câmara Municipal, por falta de vistoria. Requerer o sr. Guerra Anjos a vistoria e só em 8 de Maio foi dado despacho de deferimento. Os técnicos concluíram da vistoria feita que o prédio estava em péssimas condições, recusando-se todas as alterações e determinando-se a imediata demolição.

O sr. Guerra Anjos apresentou então um requerimento libando perante a Câmara Municipal as suas responsabilidades em qualquer provável desastre. Nova vistoria e novo parecer de técnicos a preconizar a demolição, pois se reconhecia o perigo imminente de derrocada.

A pesar disso, o senhorio foi novamente intimado a proceder à limpeza do edificio, sendo multado por não ter obedecido à primeira intimação, mas tendo sido anulada a multa por reclamação do senhorio.

Agora, o prédio teve de ser demolido em parte, mas o que ainda ficou continua ameaçando ruína e só agora a Câmara Municipal, por intimação com data de 13 de Julho, se resolveu a mandar demolir completamente o prédio.

Eis as declarações que nos foram prestadas pelo sr. Amadeu da Guerra Anjos, que nos mostrou ainda cópias de requerimentos seus, despachos camarários, uma declaração dos inquilinos sujeitando-se às obras sem abandonarem as casas, e pareceres dos técnicos que procederam às vistorias

AS GREVES

Fogueiros e maquinistas dos círculos americanos da casa Fialho

PORTIMÃO, 13.—Continua no mesmo pé o movimento grevístico dos Fogueiros e Maquinistas dos círculos americanos da casa Fialho.

Como já por nós foi dito, o movimento tende a protelar-se devido à irreducibilidade dos dirigentes da casa Fialho. Estes senhores que no exercício das suas funções tem adquirido fabulosas fortunas, não querem vêr a miséria a que lançaram vinte e três chefes de família. Para reforçarmos as nossas considerações, basta frizarmos o que a seguir narrámos, caso que bem mostra os maus instintos destes indivíduos:

Há poucos dias faleceu repentinamente, o maquinista do vapor *Algarve*. Pela morte d'êste maquinista, ficou vago o seu lugar, assim como o de um outro maquinista do mesmo barco que foi afastado do serviço, devido a não querer atiraçar os seus camaradas. Pois como indicava o bom senso, seria da mais elementar justiça preencher essas duas vagas com esses maquinistas que têm dado todo o seu esforço ao serviço da casa Fialho. Assim não sucedeu, pois os srs. Carvalho e Fernandes, respectivamente, encarregado-chefe e engenheiro, resolveram mandar vir de fóra, maquinistas, embora lhes tenham que pagar mais e dar mais regalias, isto é, menosprezam os interesses do patrão que servem, só para se vingarem de uma maneira torpe, do pessoal da casa. Outro caso que bem mostra a moral d'êstes indivíduos, é o terem sete galeões amarrados, sem pessoal a bordo, para reparar o material; isto é, costumam os círculos quando amarram, conservar a bordo pelo menos um homem que trate da conservação de máquinas e caldeiras. Sempre assim tem sido, mas agora não se faz, porque o sr. Fernandes e o sr. Carvalho não se importam de estragar o material que têm por dever de conservar só para satisfazerem os seus ódios pessoais. Para se mostrarem zeladores e amigos dos interesses do sr. Fialho, dão-lhe um prejuízo incalculável, tudo isto é feito com a complacência dos administradores da casa Fialho, em Portimão, e os srs. Basílio Calado e Jaime Dias Cordeiro, que pelos cargos de confiança que possuem teriam por dever informar de tudo o sr. Fialho, não o fazendo porque diz o ditado: que o lobo não come lobo.

Aproveitamos a ocasião, para fazer sentir às associações dos maquinistas e fogueiros de todo o país, para que evitem a vinda para esta localidade, de associados seus.—C.

Secção Telegráfica
Federações
METALÚRGICA
S. U. Metalúrgico de Aljustrel.—Recebemos officio e segue expediente requisitado; vamos officiar-vos e enviar carta corrente.
Saúl de Sousa.—Para interesse da federação, diz para onde havemos de te escrever.

Sacco e Vanzetti

A Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina aprovou um protesto contra a confirmação da sentença da justiça norte-americana que condena a morte Sacco e Vanzetti.

—O Sindicato dos Corticeiros de Vendas Novas enviou um telegrama ao consulu norte-americano protestando contra a iniquidade monstruosa que se cometeu contra Sacco e Vanzetti.

—O Sindicato dos Confeiteiros do Porto, reúnida em assembleia geral, resolveu preterstar contra a sentença que condena a morte Sacco e Vanzetti fazendo chegar até ao consulu da América o seu protesto.

DESFAZENDO UMA «CHANTAGE»

Recebemos a seguinte nota officiosa do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste que passamos a reproduzir:

«Foi ontem distribuído um manifesto por um grupo de ferroviários do Sul e Sueste, no qual se invocava o nome da classe e se protesta contra o afastamento dos engenheiros srs. Plínio Silva, Plinto Teixeira e José de Jesus Pires.

Para conhecimento do público e da imprensa declaramos que os signatários desse documento são apenas alguns inspectores, chafarões pelo sub-chefe do movimento, Clemente da Silva, e os restantes indivíduos que pessoalmente sempre dependeram dos favores dos atíngidos e que eram no Sul e Sueste escandalosamente por eles privilegiados, não representam a classe e na sua maioria são por ela repudiados pelos actos de repugnante subserviência e traição que têm cometido.

Constituem uma reduzida minoria, não tendo colectivamente nenhum valor moral para a classe as suas afirmações.

A situação dos referidos engenheiros está pendente da conclusão do inquérito que o governo ordenou, não podendo essa situação definir-se sem que os factos apurados nesse inquérito sejam devidamente julgados. Em face disto, o apelo que agora se manifesta a queles senhores é nulo e de nenhum efeito moral, pois que além de se tratar de amigos pessoais, correligionários e protegidos seus, a classe que é composta por 5.000 ferroviários está representada colectivamente por êste sindicato, que tem filiados, 3.500 desses ferroviários e não pelo reduzido número de signatários desse manifesto, que nem nos serviços a que pertencem nem perante a classe, representam qualquer opinião colectiva, além das suas conveniências pessoais. A comissão delegada dos Ferroviários do Sul e Sueste, além da comissão administrativa d'êste sindicato, com mandato colectivo da classe, vai promover por toda a linha uma manifestação escrita, que será acompanhada duma mensagem e entregue ao governo sobre a questão dos engenheiros e das reclamações do pessoal».

Um gabinete de técnicos eleitorais

ATENAS, 14.—O presidente Pangalos encarregou o sr. Zilio, presidente do tribunal de relação, de organizar um gabinete de técnicos, o qual terá de proceder às eleições dentro das normas constitucionais.

Um embaixador em férias

PARIS, 14.—O sr. Rakowski, embaixador dos soviets, partiu ontem para Moscovia em gozo de férias. Antes de abandonar a capital da França, o representante verniole conferenciou cordealmente durante uma hora com o sr. Briand, tendo sido tratados vários aspectos das negociações franco-russas sobre as dívidas do império, negociações que Rakowski deseja ver reatadas no próximo futuro.

Um gabinete de técnicos eleitorais

ATENAS, 14.—O presidente Pangalos encarregou o